

**Revista Internacional de  
Formação de Professores  
(RIPF)**

**ISSN: 2447-8288  
v. 1, n. 3, 2016**

**É preciso preservar as humanidades**

**We must nurture the humanities**

Tradução Prof. Dr. Ivan Fortunato. Original publicado no Sydney Morning Herald, 27 de julho de 2009.  
Portuguese version by Ivan Fortunato, Ph.D. First published at Sydney Morning Herald, July 27, 2009

Peter Singer

Professor of Bioethics at Princeton University and Laureate  
Professor at the University of Melbourne

**É preciso preservar as humanidades****Resumo**

Neste breve ensaio, o autor compara, a partir de sua experiência docente, a educação universitária norte-americana com a australiana. Há uma forte tendência de treinamento para a profissão na Austrália enquanto nos EUA as universidades têm priorizado a formação crítica dos educandos, com ênfase em humanidades. Para o autor, essa é a forma de educação mais acertada para nossa sociedade, desde os tempos de Platão.

**Palavras-chave**

Ciências humanas. Universidades. Graduação.

**We must nurture the humanities****Abstract**

In this brief essay, the author compares, from his teaching experience, the university education in USA and Australia. There is a strong tendency of professional training in Australia while US universities have prioritized the liberal arts. For the author, this is the best form of education for our society since Plato.

**Keywords**

Liberal Arts. Universities. Undergraduation.

## É preciso preservar as humanidades

O que é a excelência em uma universidade? Nos últimos cinco anos, dividindo meu tempo entre a Universidade de Princeton e da Universidade de Melbourne, fui confrontado pelas diferenças nas culturas de ensino dos Estados Unidos e da Austrália. Tal comparação não dá vantagem para a Austrália. As universidades americanas de ponta valorizam o ideal de uma educação em humanidades que, na Austrália, parece ter sido esmagada pela formação e qualificação profissionais.

Quando vim para Princeton, foi-me dito que a universidade vê o ensino de graduação como sua missão principal. Não importa o quão renomado um professor seja, ou quantos livros publicou, é esperado que leciono para graduação, participe de eventos abertos para alunos de graduação, e que esteja disponível para os estudantes, inclusive para atendê-los individualmente. Essa mensagem tem sido consistente com a minha experiência lá. Em cada semestre há um rol de atividades que envolvem as melhores mentes da universidade, com a participação de alunos de graduação ansiosos para aprender mais e a serem estimulados a pensar mais criticamente. Cada semestre eu converso com alunos brilhantes, dedicados a usar seu tempo em Princeton para entender melhor o mundo em que vivem.

É possível pensar que isso acontecer porque Princeton seja uma universidade de elite. Enquanto a educação australiana é mais igualitária. Talvez, mas eu viajei para o sul e para o centro-oeste para falar em pequenas faculdades que eu nunca tinha ouvido falar. Mas, lá eu encontrei o mesmo compromisso com a educação que prevalece em Princeton. Talvez os acadêmicos dessas faculdades menores não publiquem tanto, mas eles acreditam no que eles estão fazendo, e os alunos correspondem.

Quando eu era estudante de graduação na Universidade de Melbourne, na década de 1960, os meus professores ainda tinham tempo para conversar com seus alunos, seja em suas salas, na lanchonete ou no *pub*. Havia o limite de 12 orientações. Hoje, o número de orientações dobrou, tornando-se quase impossível para que todos os alunos possam ser atendidos individualmente. Sem essas conversas, tanto na sala de aula quanto fora, eu duvido que teria ido para a filosofia. Os professores universitários australianos de hoje estão sob muito mais pressão, não só para ensinar mais alunos, mas também para publicar mais artigos, e escrever demoradas submissões para bolsas de estudo que eles realmente não querem, mas que, se bem sucedidas, de alguma forma demonstram o valor de suas pesquisas – quando eu digo aos meus colegas na Universidade de Melbourne que ninguém em Princeton me diz que eu deveria estar solicitando bolsas de pesquisa, eu vejo a inveja em seus olhos.

Quando a Universidade de Melbourne anunciou que estava mudando para um novo modelo educacional, criando cursos como direito e medicina, eu parabeneizei essa tentativa de dar uma educação ampla para jovens australianos. Mas, para esse modelo funcionar, é preciso sólidos departamentos de humanidades e de ciências, confiantes no valor do seu trabalho e entusiasmados com o ensino. Em vez disso, porque as humanidades batalham com seu orçamento, temos visto um corte após o outro, minando a força de áreas como a filosofia e história.

Parte da culpa recai sobre a fórmula de financiamento do governo, que enfatiza publicações e bolsas de pesquisa, em vez de ensino de excelência. Mas, acadêmicos australianos na área de humanas precisam aceitar parte da responsabilidade para o estado de seu campo. Em algumas áreas, tornou-se moda escrever e falar de uma maneira que poucos podem entender. O jargão dá uma aura de especialização, mas obscurece as questões importantes que estão em jogo. Nem sempre iniciamos o processo de ensinar a partir de onde estão nossos estudantes, levando-os de lá para as questões importantes. A capacidade de ensino deve desempenhar um papel mais central nos compromissos acadêmicos, assim como a clareza no pensamento e na sua expressão devem ser valorizadas em todos os campos.

Filosoficamente, eu sou um utilitário, o que significa que eu olho para as consequências antes de decidir o que é bom. Mas isso significa todas as consequências, não só o impacto que uma universidade tem sobre o produto interno bruto. Lamento que tantos jovens australianos escolham seu curso de graduação, porque acreditam que irá ajudá-los a conseguir um emprego. Talvez ajude; se assim for, o problema não é com as suas escolhas, mas com a dos empregadores. Ensinar as pessoas a pensar por si irá equipá-los para uma ampla gama de possibilidades futuras. O serviço público britânico recruta bons estudantes de filosofia, porque eles serão capazes de pensar e de compreender os elementos essenciais em um novo campo, mesmo que eles não tenham nenhuma experiência nele. Bancos de investimento de Nova Iorque fazem o mesmo, buscando os melhores alunos de graduação de Princeton, independentemente de sua graduação ser filosofia ou história ou economia.

A ideia de uma educação em humanidades remonta mais de 2000 anos, até a escola de Platão. Ela sustenta que um cidadão educado em uma sociedade livre deve ter uma base na filosofia, história, literatura, ciências, matemática, línguas estrangeiras, política e artes plásticas. Podemos dizer que ela tenta responder as grandes questões que Gauguin colocou no título de um de seus quadros (um título que ele, por sua vez levou a partir de um catecismo católico): De onde viemos? O que somos? Para onde estamos indo? Esse tipo de educação não treina para uma profissão, mas dá base intelectual para se usar por toda a vida, seja para estudar medicina, direito, administração, engenharia ou qualquer outra atividade profissional.

Se os nossos melhores cidadãos mais educados não têm ideia de como responder a essas perguntas básicas, vamos lutar para construir uma democracia que pode resolver os problemas que enfrentamos, sejam sobre a mudança climática, a pobreza, os problemas dos povos indígenas da Austrália, ou a perspectiva de um futuro no qual podemos modificar geneticamente nossos filhos. Uma educação em ciências humanas é tão valiosa hoje como era no tempo de Platão.